

# Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Redacção e administração—R. D. Antonio Barroso, n.º 14 e 16  
Officina de impressão—Typ. "Minerva"—Batalhão

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno . . . . . 600—Semestre. . . . . 300  
Brazil (moeda forte) um anno . 1\$200—Numero avulso 20 réis.

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade.  
EDITOR RESPONSÁVEL—Manoel Pereira de Villas-Boas.

## ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL

Fallemos, tambem, dos interesses do patronato; digamos, muito desinteressadamente, dos seus deveres e dos seus direitos; apontemos com a clareza e commentarios precisos, o seu grande atrazo associativo, fazendo luz na treva que o envolve, para que germine vigorosamente a ideia do grande e involuavel homem da sociologia que se chamou Karl Marx, quando disse: *operarios de todo o mundo, uni-vos!*

Porque o negociante é um homem que trabalha e, como todos os que trabalham, tem causas que lhe interessam grandemente, que lhe impõem uma solidaria organização de forças e que lhe reclamam a entrada no collectivismo, para que a prosperidade do commercio avance sempre; porque os que se empregam no commercio, como disse um publicista, formam uma familia unica derramada na superficie do universo. E sendo assim, para que essa «familia unica» se imponha ao seu desenvolvimento e para que o seu trabalho seja todo destinado a engrandecer esta terra onde residimos,—necessario se torna a cohesão de suas forças em uma só força.

E' que o trabalho do povo unido, pela sua boa organização, torna-se, em todo o ponto, productivo e benefico;—porque a cohesão de forças fórma a força material de um paiz.

E' que os não aggreimados não podem reclamar direitos, porque a força assim dividida lhes é adversa, sendo, por isto, improductiva qualquer ideia.

A Associação é tudo no mundo trabalhador, é a verdadeira organização de um

povo e o agitador efficassissimo da ideia.

\*

A não existencia, em Barcellos, de uma Associação Commercial, dá uma nota clara do pouco adeantamento do commercio local, porque não reconhece a necessidade de se aggreimiar, a bem de seus interesses.

Este facto obriga-nos a dizer que o commercio d'esta terra não vê direitos nem deveres.

O commercio, para se afirmar ao olhar de todos que é uma collectividade de força e que collabora poderosamente na prosperidade da nossa decadente industria, precisa de mostrar essa mesma força por meio de associações meramente suas e onde a vontade de todos se desenvolva em uma só vontade.

Alguem ha que comprehende estes deveres, assim como tambem ha quem os olhe com indiferença criminosa; nós sabemos que 3 ou 4 negociantes d'esta localidade tem por diversas vezes pensado, na reorganização da extincta Associação Commercial; mas tambem sabemos que a inacção e indiferença de muitos dos seus collegas, os que não comprehendem que a *união faz a força* e que esta é um grande poder para o progredimento do trabalho, são motivo por que aquelles se não tem animado a metter hombros á empreza!

A inacção do espirito é sempre o fracasso da obra evangelisadora de um futuro prospero; porque uma classe que reivindica direitos tem de começar essa reivindicação por uma organização solidaria de forças, e essa solidariedade só pôde ser um facto quando haja uma sociedade que represente legalmente essa mesma classe.

E é aqui tão pessima a

organização do commercio que, para se tratar de qualquer interesse proprio, os que alguma cousa vêem tem de ir de porta em porta a consultar os negociantes seus collegas e a propor-lhes este ou aquelle meio para defender os seus interesses, quando affrontados, e quando isto se poderia fazer por meio de uma reunião da Associação Commercial, se existisse!

Isto, que é uma verdade irrefutavel, torna-se triste e pouco airoso para quem pressa a sua terra e deseja o seu adeantamento progressivo.

Não ha, porventura, aqui homens de sobejo para se restaurar a Associação Commercial?

Não ha quem possa metter braço a este trabalho?

Não tem os negociantes barcellenses, como os do Porto e outras terras, direitos a usufruir?

Tudo isto aqui ha:—ha mais de 20 negociantes para erguer a extincta collectividade e, entre estes, nós temos homens de saber e de energia.

Por isso, mãos á obra; por isso, negociantes de Barcellos, sahi d'essa lethargia injusta que vos faz estar em constante atrazo, e, para deante, que o caminho do progresso é largo e precisa da vossa força impulsora; porque a Associação Commercial será o baluarte da vossa resistencia, será o defensor mais leal dos vossos interesses, e mostrará a organização de vossas ideias.

Para deante, pois, porque o vosso marasmo é vergonhosol

Opportunamente voltaremos a este assumpto.

## UNIR FILEIRAS

Demos o toque da alvorada; porque o momento da lucta se aproxima e porque a hora em que deveremos romper este silencio de ha tempos não tarda

a soar, ao longe, no horizonte diaphano de nossas prerogativas.

Fallemos com desassombro da nossa causa, preparando as armas para um combate renhido e de onde possa sair o reconhecimento formal dos nossos direitos. Digâmos, ao ouvido, a todos os nossos camaradas, que a hora da partida está a chegar; digâmos que todos devem unir fileiras, que todas as vontades se devem tornar em uma só vontade, que todas as energias devem confraternisar amigavelmente, que todas as forças se devem apresentar no campo da lucta em um só corpo a conclamar direitos, a fustigar os despostos, a fazer valer a Justiça.

Concluida a organização do exercito, ordene-se a marcha d'este: feito o saneamento interno da classe e aproveitados os elementos são e sinceros, sigâmos ávante; porque temos muito que fazer, temos muito terreno a pisar e o tempo urge.

Caixeiros!—**Unir fileiras!** Porque chega a epoca em que os vossos brados reclamantes devem ser unisonos, fortes e desassombrosos.

Porque a vossa causa precisa de ser dado um impulso de vida, mas um impulso que vá bulir com os nervos dos dirigentes da nação, para que estes vos attendam.

A vossa causa já não pôde ser vencida com palavras doces; ella precisa de ser levantada com o vosso esforço de energia, com a vossa lucta incessante, com a vossa dedicação fiel.

Dizia ha dias um jornal de Lisboa, *O Popular*, que o governo, aproveitando alguns trabalhos das camaras regeneradoras, vae resolver a questão do descanso dominical.

E' da confirmação d'esta noticia que a classe precisa. E, para que assim seja, torna-se inadiavel uma propaganda viva e geral em todas as terras onde haja caixeiros, de modo a mostrar ao governo que a classe não está morta:—que vive e que cada vez está mais animada a levar por deante a sua reclamação, com toda a energia.

Para isso é que nós dizemos: Caixeiros:—cerraes fileiras e fazei da união d'ideias um bastião irresistivel: ide, sempre para a frente, reclamar o que a Justiça vos dá, o que o Direito vos faculta.

## Aguilhoadas

(Ao F. Costa)

Não imagina o quanto me custa já pegar no lapis para dizer alguma coisa sobre a classe.

V. sabe que na correspondencia particular entre nós trocada eu sempre lhe mostrei que a classe é na sua essencia retrograda a todos os principios de sociabilidade, a todos os rudimentos de comprehensão dos seus deveres, quer associativos, quer individuaes.

E' um cahos, se quizermos ver com *olhos de ver*, todo esse estendal de associações de classe e jornaes da mesma. E' um cahos e é uma vergonha. E' um cahos, porque geralmente não é o espirito de independencia que predomina nas nossas associações, e é uma vergonha para a classe, porque os seus jornaes são sustentados por caprichos, ou por abnegação de alguns, poucos, que ainda entendem que isto se endireita.

Veja V. o que se dá com o seu jornal. Ao ler o ultimo numero, o que tenho á vista, a mão treme-me por não ter em logar do lapis um chicote e poder vergastar a cara estanhada d'esses biltres que de caixeiros só teem o nome.

Vergonha, miseria, lama, uma eterna bambochata de typos que são aproveitaveis n'uma barraca de feira, onde a um tanto por pessoa os vemos de pernas para o ar.

V. se vier aqui ao Porto em um domingo observa o caixeiro em toda a parte, simplesmente só o não vê na sua associação ou a ler um jornal seu. Nada d'isto. V. encontra-o nos cafés pimponeado sobre a cadeira, luva luzidia, charuto ao canto da bocca, fazendo esgares e lançando em espiraes enormissimas o fumo, enquanto não vem a hora para o espectáculo. Ah! então é que elle se mostra o pedante em toda a extensão da palavra genuinamente portugueza.

V. conhece-o logo assim que passar a vista pela plateia.

A asneira—quero dizer a *piada*, como elles lhe chamam—corre allí de bocca em bocca n'um calão de fadista, n'uns tregeitos completos de rameira réles. Ouve-se o preço das luvas, onde foram compradas, se são de pelle de cão ou urso como elles, e assim, successivamente, n'uma decadencia de costumes que nos dá a impressão de estarmos na aldeia mais sertaneja a ver um entremez.

Isto é no espectáculo, onde geralmente concorre alguém que sabe ser civilisado, notando, está claro, toda essa decadencia d'um organismo social que tem como restricta obrigação ser educado e comprehendedor do logar que desempenha na sociedade. Mas não pára aqui toda essa caterva de luzidios pedantes, que envergonham até o proprio balcão onde desempenham o seu mister. V. a cada passo, na rua e nas esquinas, conhece-o pela altitude dos seus collarinhos e pela mão que não está de luva calçada. V. vê, além,

por baixo d'uma fôrma parecida com uma cabeça, um grande cartaz de papel branco sem dizeres? Pois bem: approxime-se e veja o que é.—Viu?

Olhe-lhe para a mão sem luva, viu? Que viu V.?

Primeiro viu um grande collarinho, o mais moderno typo de collarinhos que as camisarias receberam; e na mão? Oh! céus... As unhas contêm um circulo preto que parecem andar de luto, e elle tão abstracto está na contemplação d'uma cabeça de... gato que lá ao longe se divisa nas aguas-furtadas d'uma casa esguia, que nem ouve alguém que passando diz sarcasticamente: aqui está synthetizada a classe dos empregados de commercio.

E' isto, meu amigo. Mas ponto por hoje; porque isto é indigesto e só pôde ser tomado a pequenas doses.

*Ignotus.*

## UMA FESTA SYMPATHICA

Lemos, ha dias, em um nosso collega da Povia de Varzim, uma noticia que muito entusiasmo nos causou, por se referir á classe de que somos o mais humilde defensor.

Trata-se da commemoração do primeiro anniversario da fundação da florescente Associação de Classe dos Empregados de Commercio, festa que teve extraordinario brilho e que marcou na historia da novel collectividade uma pagina de ouro do mais subido quilate, porque, além de uma commemoração anniversaria, o conselho director soube dar-lhe um cunho de propaganda da nossa causa, facto que muito e muito nos rejubila.

Saudando, pelo seu anniversario, a *sympathica* aggremação povoense, enviamos ao seu conselho director um affectuoso aperto de mão pelo modo como soube desempenhar-se da missão que lhe foi confiada e pelo brilho que a sua festa teve

\*

Reportando-nos ao periodico povoense a que acima alludimos, vamos dar aos nossos queridos leitores um pallido reflexo da festa do primeiro anniversario da Associação de Classe da Povia:

Às 8 horas da noite de 25 de janeiro p. p., achando-se a sala distinctamente ornamentada e repleta de damas e cavalheiros, occupou a presidencia o presidente do conselho director e nosso collega Antonio Baptista Gomes Ferreira, que tinha por secretario o camarada João Borges Trocado. Abrindo a sessão solemne, o collega presidente disse que é a elle que compete fazer a apresentação do illustre orador a quem ia dar a palavra, o sr. dr. Arnaldo Vianna, de quem fez o elogio. Declara, portanto, aberta a sessão, e dá a palavra ao sr.

**Dr. Arnaldo Vianna**

Ao subir ao estrado, a assembléa recebe-o com uma gran-

de manifestação de apreço, que bem mostrou o quanto s. ex.<sup>a</sup> é estimado na formosa villa.

S. ex.<sup>a</sup> diz que não vae fazer uma conferencia; e se annuiu ao convite que lhe foi endereçado para ir allí, é porque nunca se recusou a cooperar para o exito de qualquer commettimento publico emprehendido pela terra de que se orgulha de ser filho. Refere-se á inauguração do estandarte da collectividade em festa, fala da vida do caixeiro, nas «grandes formulas do progresso: ideal da Justiça, da dignidade, do amor, da philantropia, do patriotismo e do bem-estar particular, desenvolvendo-as e terminando s. ex.<sup>a</sup> por dizer que eram o credo purissimo das modernas associações liberaes, credo que principiou a entoar-se, depois de muitos seculos de lucta»

O sr. dr. Arnaldo Vianna terminou por saudar a florescente associação, para quem teve palavras de engrandecimento, e disse este pensamento:

«Do sol não se perde um raio de luz; da civilisação não se perde um facto, por mais humilde que pareça.»

A selecta assembléa fez ressoar na sala uma calorosa e bem merecida ovação.

O sr. presidente—que teve palavras de muita justiça para com o illustre orador, deu a seguir a palavra ao sr.

**Candido Landolt**

director da *Propaganda*, a quem tambem dirigiu palavras muito justas.

A assembléa recebe o dedicado defensor dos caixeiros com uma prolongada e entusiastica salva de palmas, o qual, «depois de agradecer as amaveis e lisongeiras palavras do sr. presidente, disse que, a exemplo do illustre orador antecedente, não ia realizar uma conferencia, mas sim, uma palestra amena, singela e corrente, subordinando-a ao thema *Progresso e Luz*».

Em face do seu thema, o sr. Candido Landolt occupou-se dos tres ultimos acontecimentos do progresso e da civilisação—a machina-sol, as installações do laboratorio d'analyse chimica no Hospital de S. José, em Lisboa, e as descobertas de Charles Lepierre e dr. Alberto Nogueira Lobo, obtendo o sôro para o tratamento da meningite cerebro-espinal

Falou com muito brilho do motivo d'aquella festa, demonstrando que os caixeiros povoenses haviam tirado d'aquella villa o exemplo do seu caminhar e do seu progresso.

«Cuidou depois das sociedades perfeitas, desenvolvendo o argumento de um illustre orador, aguia romana e gloria da Italia, tendo enthusiasmos falando da escravatura branca, da liberdade, do amor e do descanso dominical.»

O distincto jornalista, que tem sido um defensor extrenuo da causa em que andam empenhados todos os caixeiros, foi muito felicitado pelo seu substancioso discurso.

O sr. presidente agradeceu aos oradores o brilho que foram dar á festa da sua Associação, encerrando, em seguida, a sessão solemne que—como já dissemos—não foi sómente uma festa anniversaria;—foi tambem uma sessão de propaganda da nossa justa causa. Um bravo entusiasta aos briosos camaradas da Povia de Varzim, pela grandeza da sua alma de luctadores cheios de convicção e de fé, envia a *Fraternidade*.

## Grupo de Empregados no Commercio de Montemor-o-Navo

Os corpos gerentes d'esta collectividade, altamente penhorados pela maneira bizarra como foi accete o seu appello para a fundação da Bibliotheca, vem por esta fôrma agradecer a todos aquelles que se dignaram coadjuval os, já offerecendo-lhes livros, já patrocinando o seu pedido. A todos confessam o seu indelevel reconhecimento, e os seus nomes jámais serão olvidados porque bem expressos os conservamos no archivo d'este «Grupo», n'um livro sacrosanto que tem por titulo—os amigos da instrucção.

A todos aquelles que ainda nos queiram honrar com o seu favor, declaramos que na sêde do nosso «Grupo» se recebem todas as obras que nos queiram offerar.

Outrosim expressamos o nosso agradecimento ao ex.<sup>mo</sup> sr. José Valerio, digno regente da banda da Sociedade Antiga Philharmonica Montenovense, e a todos os membros d'essa banda pela gentileza com que accederam a abrilhantar a nossa festa no dia 1 de janeiro.

Montemor-o-Navo, 15 de janeiro de 1905.

## Associação de B. dos Empregados no Commercio

Para a leitura e discussão do relatorio e contas da direcção e parecer do concelho fiscal, são por este meio convidados todos os socios a reunirem no dia 19 do corrente, ás 3 1/2 horas da tarde, na sêde social.

A sessão abrir-se-ha ás 4 horas da tarde; e se não estiver presente numero legal de socios, fica a reunião transferida para o dia 26, á mesma hora e sem outro aviso.

Barcellos e sala da assemblea, 11 de fevereiro de 1905.

O presidente da mesa,  
*Francisco Pereira Martins.*

## “O Innominado”

Recebemos o 4.<sup>o</sup> numero d'este semanario independente, noticioso e agricola, que se publica em Villa Maior.

Vamos estabelecer permuta.

## JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

A morte d'este glorioso vulto do movimento associativo, e infatigável trabalhador de 1897, é já do dominio da classe.

E nós, que o conheciamos desde a excursão que a velha Associação de Classe dos Empregados do Commercio do Porto realisou em 1902 a Vianna do Castello, que conhecemos então n'aquelle homem um lutador de extraordinaria envergadura, que ouvimos dizer da sua gigantesca obra associativa, do seu extraordinario talento e do seu amor de pae á classe dos empregados de commercio, sabemos que a morte de Silva Teixeira representa para a nossa classe a perda de uma joia veneravel, de um velho e lidimo combatente.

A classe do Porto está de luto, de luto pesado, e com motivo bem justo. E' que José da Silva Teixeira pertencia a essa heroica trindade de luctadores portuenses e foi dos que com mais ardor e audacia levou de vencida a campanha de 26 de setembro de 1897, erguendo na cidade do Porto esse bello padrão da emancipação dos caixeiros, que é o encerramento convencional aos domingos e dias santificados.

A obra audaciosa de Silva Teixeira, Maximo Lopes e Adolpho Portella, que tem ficado immorredora para todas as gerações de successivos propagandistas, que tem na historia social paginas de extraordinario brilho, é tão inolvidavel para nós, como inolvidaveis ficarão em nossa memoria os nomes dos que n'ella collaboraram.

Os nossos camaradas do Porto devem á energia de Silva Teixeira uma grande parte do seu adiantamento progressivo, porque o illustre morto, desprezando a saude e os interesses proprios, pôz centenas de vezes a sua grande sabedoria e esforço ao serviço da classe de que foi um grande e glorioso personagem.

Algumas vezes elle punha a associação e a classe em primeiro lugar, reservando o segundo para a familia!

Este proceder é de quem é luctador por convicção, é de quem tem uma alma audaciosa para o combate e de quem dedica todos as atenções á causa de que é um soldado firme e energico.

\*

José da Silva Teixeira já não existe no numero dos vivos: existe, além, no tumulo, ao lado dos batalhadores da mesma época, e existe perpetuamente no mais fundo da nossa alma, porque queremos recordar em todos os momentos o seu glorioso trabalho em beneficio de todos nós e porque queremos ter na recordação de seu nome alentos para caminhar com energia na defeza da nossa causa.

Nós queremos que o nome de Silva Teixeira seja uma lapide em nosso peito e quere-

mos que o seu trabalho de 97 nos dê força de entusiasmo para arrostar com todos os males que se apresentam a tornar escabroso o caminho do progresso da nossa classe.

Ao da classe dos caixeiros do Porto, nós juntamos o nosso mais sincero pesar pela morte do seu grande amigo; e sobre a campa de Silva Teixeira nós deixamos cair as petalas da nossa mais sentida saudade, endereçando o nosso cartão de pesames á familia do illustre finado.

Que descanse em paz o bom Silva Teixeira!

\*

A *Luz do Commercio*, do Porto, publicou em seu n.º 147 o retrato do finado, acompanhando-o de um ligeiro esboço biographico da sua vida associativa.

### Guarda, 14

**O conflicto caixeiral: estabelecimento apedrejado e vidros em estilhaços—Ameaças com a lei de 13 de fevereiro!—Reunião do commercio local e sua resolução—Viva o commercio honrado!**

Só hoje me é permitido relatar detalhadamente o incidente occorrido entre os caixeiros egytanienses e um caturra que se diz Antonio José Polycarpo. Antes, porém, de entrar em tão melindroso assumpto, permitam-me, presados collegas, que eu saude os dignos commerciantes d'esta cidade pela forma nobre e correcta como resolveram e defenderam a causa verdadeiramente justa dos seus empregados, que, graças ás suas generosas resoluções, gosam hoje 11 horas de liberdade em todas as quintas-feiras que Deus acha por bem mandar a este mundo.

Appello, pois, para vós, caixeiros portuguezes, para que n'este momento me acompanheis n'um entusiastico e acalorado hurrah! aos commerciantes da Guarda! hurrah!

Eis o relate do incidente:

Em 12 de outubro de 1904 os caixeiros d'esta cidade reunidos em assembleia geral extraordinaria, rejeitam, por unanimidade, uma proposta do collega Fiel B. Taveira em que, iniciando, propunha que se pedisse ao patronado meio dia de liberdade em todas as quintas-feiras. Feitas algumas observações pelo mesmo collega, foram igualmente rejeitadas.

Foi em seguida apresentada segunda proposta pelo collega José Dias Soares, então vogal da Direcção, que,—baseando-se igualmente em beneficios dos seus collegas, mas mais arrojado,—propunha que se pedisse dia por completo. Muitos apoiados!

Outra vez o collega Taveira apresenta a sua proposta, agora modificada (isto em virtude dos soberanos desejos dos seus collegas), acabando por nomear uma commissão onde entrava o

sr. José Dias Soares, ficando a dita encarregada de organizar uma sessão de propaganda, pedir á imprensa local que defende a sua causa, e, em seguida, obter do patronato o feriado em todas as quintas-feiras e a principiar em janeiro de 1905.

A razão não é conhecida por que a referida commissão não deu principio aos trabalhos que lhe foram confiados . . . . .

Em dezembro de 1904, e como a citada commissão não desse signal de vida, foi nomeada outra, entrando os membros da primeira, excluindo um collega que não tinha vagar... e o sr. José Dias Soares que já não pertencia á nossa Associação de classe. Essa commissão, composta dos collegas Joaquim de Pina Ribeiro, Romeu Pissarra, Abreu Duarte, Goes da Silva, José Duque e Anuplio de Lemos, obteve um feliz resultado, isto é, o encerramento convencional. Mas... nem tudo que luz é ouro, os caixeiros bem depressa se convenceram de que era demasiada felicidade para quem nunca a tinha conhecido: pois que o sr. Polycarpo, esquecendo que todo o commerciante honesto tem uma palavra que respeita, pois que n'ella está o futuro da sua honra, principiou por servir todos os freguezes que se lhe deparavam, gabando-se depois que na primeira quinta-feira tinha apurado 50\$005 réis! Mantivesse no entanto, na primeira e segunda quinta-feira, o compromisso tomado de não abrir o estabelecimento, muito embora algum caturra vendesse dez mil réis de sabão, ou uma meada de tripa. Porém, na terceira quinta-feira, os srs. Manoel da Silva Coelho e Antonio José Polycarpo, não sabendo como gastar o tempo, abriram as suas portas, deixando uma má impressão no espirito de todos que o presenciaram.

Os caixeiros, antevendo a sua proxima ruina, dirigiram-se ao primeiro, que muito delicadamente os recebeu, e promptamente accedeu ao seu justo pedido, encerrando em seguida as portas do seu estabelecimento. Foram falar com o snr. Polycarpo, que cynicamente os recebeu, e declarou que tinha dado a sua palavra que seria o primeiro a romper o compromisso, e que, portanto, a tinha de cumprir!! Respeitou a sua palavra e desrespeitou a sua assignatura!... é triste! E os caixeiros, pedindo quasi com as lagrimas nos olhos, não foram attendidos. *Homem sem palavra*, a nada se moveu. Conservou o seu estabelecimento aberto até ao meio dia e declarou que, para o futuro, fecharia á uma hora, mas que em sua casa quem mandava era elle. . . . .

Na quinta-feira seguinte, 26 de janeiro (dia de S. Polycarpo), todos os estabelecimentos fecharam á uma hora da tarde, a pedido dos caixeiros que, já convictos de que quem tudo quer tudo perde, ficou tudo satisfeito: publico, patrões, caixeiros, e

até o José Duque das bicycletes, que as aluga a 200 rs. a hora! e eis quando ninguem esperava, o caturra Polycarpo abriu o estabelecimento ao accender das luzes. A noticia corre rapidamente, e, então, era vel-os correr em direcção á Associação, caixeiros, marçanos, manifestando todos o seu desagrado pelo procedimento incorrecto do já mencionado caturra. E todos, n'uma só voz, bradavam *morra Martha, mas morra farta*. No entanto uma commissão, antes de tomarem uma resolução séria, novamente pediu ao sr. Polycarpo para que reparasse o mal feito, ao que elle respondeu que só fechava quando se fosse deitar. . . . .

A pena ainda treme; parece-me ouvir os estrondos de veras infernaes que se repercutiam pela velha Egytania; vidros, caixilhos, louças, balanças, tudo em estilhaços! Uma cabeça rachada, e, finalmente o estabelecimento fechado.

A policia nada quiz comnosco, pois eramos muitos e não havia leitros para todos. . . . .

O publico, satisfeito, dava estrondosas salvas de palmas, a cada vidro ou porta que se partial. Finalmente, dez testemunhas inqueridas, nada viram, e ninguem reconheceram, pois era de noite!... O povo era do lado do direito.

No dia 27 os commerciantes reuniram e resolveram respeitar as suas assignaturas, fechando todas as quintas-feiras á 1 hora; lavraram uma acta, que todos assignaram e depois de reconhecidas todas as assignaturas foi entregue ás auctoridades competentes para obrigar a cumprir todo aquelle que queira caminhar torto por caminho direito.

Eis a conclusão d'uma violenta tempestade! Um futuro rissonho para os caixeiros da Guarda, um grave exemplo para os patrões caturras, e, finalmente, o rompimento d'um tortuoso caminho que todos os caixeiros devem seguir, para chegarem ao glorioso campo da liberdade.

Hurrah! pelos caixeiros portuguezes! Hurrah! pela liberdade! Hurrah! pelos patrões honrados da Guarda!

*Correspondente.*

*Nota da redacção.*—Nobra, levantado, um exemplo de honra, de dignidade e de brio, foi o praticado pelos homens que acima de tudo prezam o seu nome sem macula, que reconhecem a justiça que cabe á causa dos caixeiros. Por'isso, nós, admiradores fervorosos de tanto brio e de tanta honra, saudamos jubilosamente os illustres commerciantes da Guarda, pelo desprezo em que têm o *homem sem palavra*, o leão que tentava derrubar uma obra de humanitarismo! E que esta saudação, tão sincera como sentida, vá tambem até aos nossos camaradas da velha cidade, até ao brioso povo egytaniense, como testemunho eloquente da nossa admiração.

Viva o commercio honrado!

## Movimento da classe

Penafiel, 11

E' medonho, não resta duvida, o estado em que actualmente se encontra a classe caixeiral de Penafiel; até parece que vivemos debaixo de uma atmosphera de paixões, — tal é a indiferença com que os nossos collegas se olham.

Os empregados commerciaes de Penafiel, que em tempos que não vão longe, se mostraram activos e interessados no movimento a favor do encerramento dos estabelecimentos commerciaes ao domingo, hoje olham tudo isso indifferentemente, de nada tratam, o que é vergonhoso, e parece ao mesmo tempo que nutrem um odio de morte a tudo que seja de proveito e de interesse para a classe. Em terras mais pequenas, de menor commercio, e onde ha menor numero de caixeiros, existem aggremações d'estes, e muito progressivas.

— Qual o motivo porque Penafiel, que tem cerca de quarenta caixeiros, e que tem nome de cidade, — e além d'isso fica a dois passos da segunda capital do paiz, — não possui uma associação da classe caixeiral? — Simplesmente porque aquellos que d'esse incontestavel melhoramento deviam tratar, são, é duro dizê-lo, os primeiros a despresal-o, são os primeiros a espalhar o desanimo e a descrença no seio da classe!

Vergonhoso é tudo isto, e no fundo são verdades amargas, embora muitos o não acreditem!...

O auctor d'estas pobres e mal ataviadas linhas sente na alma uma dôr sem limites, impossivel de descrever, quando com o olhar da imaginação, contempla, em tardes intermináveis de domingos, e através do balcão, todo o estado, devéras deploravel, em que actualmente se encontra a classe do caixeirato portuguez. E salta-lhe á mente, a cada instante, esse movimento memoravel realisado n'esta cidade em principios de 1898, em cujo movimento tomaram parte rapazes que hoje já aqui não residem, mas, no entanto, os seus nomes, de verdadeiros luctadores, são a cada momento lembrados.

... Como se trabalhava então com affinco, em favor d'essa sacratissima causa — o descanso ao domingo! — e hoje, muito ao contrario d'aquillo, de tudo se faz troça, de tudo se faz critica! E tanto assim e, que a cada momento chegam ao nosso conhecimento phrases desrespeitosas, de censura! Mas como *palavras loucas* não nos ferem, e além d'isso a consciencia nos não accusa de termos commettido qualquer falta já-mais, emquanto a fé nos não abandonar, deixaremos de escrever; isto é, de chamar á ordem todos os nossos collegas penafielenses, de lhes mostrar o caminho progressivo, onde todos cabem e onde todos são precisos.

Domingos Affonso.

Cabeceiras de Basto, 8

Dizer que nos deixou Augusto Cesar Cantu, custa nos. E custa-nos porque já estavamos affeitos com a sua convivencia leal e franca, e porque gostavamos de ouvir de vez emquando os accordes do seu bem adorado *harmonium*. Com tudo elle está em Lisboa e, resta-nos essa consolação, continuará d'ali a ser dedicado para os collegas de Cabeceiras e para a nossa associação de que é socio correspondente. Mas nós dizendo que nos restam saudades da sua presença, não mentimos.

— Commenta-se aqui bastante o descanso em que vivem as commissões de descanso. Fazem bem os criticados, porque isto de trabalhar para os outros...

— Penalizou-nos em extremo a noticia da morte de Silva Teixeira.

Paz á alma do inditoso defensor das regalias dos caixeiros.

Leite Gomes.

Figueira da Foz, 7

### Descanso semanal

Os nossos collegas da Guarda conseguiram dos seus patrões a concessão de algumas horas de descanso, ás quintas-feiras, por ser este dia que mais convém ao commercio local.

Deve este facto ter causado alegria aos collegas da velha cidade, e a todos os do paiz, porque assim se vae vendo que o commercio reconhece a justiça da causa dos caixeiros.

O caixeiro, como qualquer outro trabalhador, não deve estar dias consecutivos encerrado n'um estabelecimento, porque esta prisão depauperá o espirito e torna cansadas as forças do homem.

Não somos crentes na ideia de que o encerramento do commercio se exerça em dias que não seja o domingo, porque este, como tem sido provado, é por todós os motivos, o mais preferido.

Isto, por disposição legislativa.

Convencionalmente, nós pretendemos um dia de descanso em cada sete; e, quando este descanso não possa ser n'um domingo, por conveniencias locais, nós somos de opinião em tornar feriado um outro dia da semana, isto por simples convenção entre patrões e caixeiros.

Na Guarda, o encerramento é á quinta-feira—dia de semana — por assim convir; e aqui, o commercio figueirense, se entende que é prejudicado com o encerramento dominical, póde a exemplo dos da Guarda, estabelecer esse descanso em outro dia. Porque, convençamo-nos d'isto:—o negocio que hoje deixa de se fazer, faz-se amanhã ou depois, porque as necessidades do consumidor hão-de prevalecer.

A negação de muitos commerciantes a comprehender esta clara theoria, é o que ha de mais absurdo. O descanso semanal é muitissimo facil de resolver, se para ahi convergir a vontade de todos os interessados.

Os empregados commerciaes constituem uma das classes mais opprimidas na vida social. Possuem no seu gremio elementos de valor—os que tem trabalhado denodadamente para a sua emancipação, mas até hoje esses esforços não teem tido o successo desejado. D'ahi a necessidade de continuar esse trabalho, mas com energia, com mais vigor.

O exemplo da Guarda, a que já nos referimos, deve sertomado por lema dos caixeiros de outras terras onde não haja encerramento pelo simples facto de não poder ser em um domingo. Peça-se, convencionalmente, um dia para descanso; e nós, na Figueira, onde como em outras terras não ha encerramento, podemos abraçar o exemplo da Guarda, trabalhando pelo descanso semanal; pensem muito os collegas d'aqui, e mãos á obra.

A ganancia de muitos é que tudo difficulta. Se não fôra esta circumstancia, os negociantes poderiam dar um grande exemplo de humanitarismo, que outra cousa não é garantir ao caixeiro um dia de folga ao fim de seis dias de trabalho continuo, em estabelecimentos mais das vezes anti-hygienicos.

Estabelecida a praxe de encerramento voluntario, toda a gente o applaudiria, e seria para o commercio uma honra evitar que os governos tenham de legislar sobre o assumpto.

Quer seja d'uma ou d'outra fórma, a questão está em pé, e nós, caixeiros de todo o paiz, bem unidos e disciplinados, devemos todos trabalhar.

Caixeiros.

E' tempo de se enveredar pelo caminho da civilisação! E' preciso corrigir maus habitos e defeitos de educação, que teem sido a origem dos males de que enfermam todas as classes sociaes. A'vante!

—Regressou de Braga, onde foi de visita a sua familia, o nosso collega sr. S. d'Oliveira, activo empregado na casa commercial Caiano, Irmãos, d'esta cidade.

J. Almeida.

## Eccos da quinzena

J. C. Gonçalves

Deixou de pertencer á classe dos empregados no commercio de Barcellos, este nosso estimado amigo, que tambem pertencia ao grupo proprietario d'este

periodico, na qualidade de administrador. Conta estabelecer-se brevemente, n'esta villa, com uma casa de mercearia.

Desejamos que seja feliz

Nova firma

A sr.<sup>a</sup> D. Antonia de Jesus Simões, de Barcellinhos, associou á sua casa commercial o seu antigo empregado e nosso amigo Albino Gomes da Cruz, passando a mesma casa a girar sob a firma commercial—Antonia de Jesus Simões & C.<sup>a</sup>

Ao nosso amigo Albino Gomes da Cruz, os nossos cumprimentos pela subida ao patronato.

Nova Associação

Sabemos que os nossos camaradas de Elvas acabam de fundar uma Associação de classe, motivo porque lhes enviamos um caloroso bravo!

O nosso desejo era que em todas as terras onde houvessem caixeiros em numero sufficiente, estes seguissem o exemplo dos companheiros de Elvas, fazendo por este modo com que a organização da classe se fosse accentuando de dia para dia.

A commissão que actualmente vem dirigindo os destinos da nova collectividade, é composta dos seguintes collegas:

João Cardoso, Luiz Gonçalves, José Maria Delgado, Ernesto Viriato dos Santos, Manoel Baradô Segura, Francisco Antunes, Francisco Martins, Manoel Monteiro Pina, Antonio Alves d'Almeida, Francisco Vicente Branco e José Maria da Silva.

Saudando entusiasticamente os distinctos collegas de Elvas, e cumprimentando-os jubilosamente pelo grande passo que deram, offerecemos da melhor boa vontade o nosso humilde quinzenario á sua Associação de classe e pomos as suas columnas á disposição dos mesmos camaradas.

Pedro Vasconcellos

Está de luto, pelo desastroso fallecimento de um seu irmão, que pereceu nas chammas de um horroroso incendio que hontem se manifestou no estabelecimento de mercearia do sr. Fernando José Dias, de Barcellinhos, destruindo toda a habitação, o nosso prestimoso camarada Pedro Teixeira da Costa Vasconcellos, digno vogal director da nossa Associação.

Por isso lhe apresentamos sinceros pezames.

## "FRATERNIDADE"

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.<sup>mo</sup> Snr.